

## MARCAS DE ESTILO NA ESCRITA ACADÊMICA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ARTIGOS DE LINGÜÍSTICA E LITERATURA

### STYLE MARKERS IN ACADEMIC WRITING: A COMPARATIVE STUDY OF LINGUISTICS AND LITERATURE ARTICLES

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e20442

Francisco Mailson de Lima Cavalcante<sup>1</sup>

Marina Bezerra da Costa Fernandes<sup>2</sup>

Marília Bezerra da Costa<sup>3</sup>

Ananias Agostinho da Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa comparativamente as marcas de estilo em artigos científicos das áreas de Linguística e Literatura. Fundamenta-se na Linguística Textual (Marcuschi, 2008; Cavalcante *et al.*, 2022), nos estudos sobre escrita acadêmica (Motta-Roth; Hendges, 2010; Vieira; Faraco, 2019; Amaral *et al.*, 2025) e nas discussões sobre estilo (Martins, 2008; Bakhtin, 2016). Trata-se de pesquisa qualitativa e bibliográfica, cujo *corpus* é composto por seis artigos publicados em periódicos especializados. Os resultados evidenciam diferenças e convergências entre as subáreas, mostrando como normas disciplinares e escolhas individuais configuram o estilo na escrita acadêmica em Letras.

**Palavras-chave:** estilo; linguística; literatura; escrita acadêmica.

**Abstract:** This article comparatively analyzes style markers in scientific papers from the subfields of Linguistics and Literature. The study is grounded in Textual Linguistics (Marcuschi, 2008; Cavalcante *et al.*, 2022), research on academic writing (Motta-Roth and Hendges, 2010; Vieira and Faraco, 2019; Amaral *et al.*, 2025), and theoretical discussions on style (Martins, 2008; Bakhtin, 2016). It adopts a qualitative and bibliographic research design, with a corpus consisting of six articles published in specialized journals. The results reveal differences and convergences between the subfields, showing how disciplinary norms and individual choices shape style in academic writing in Language and Literature.

**Keywords:** style; linguistics; literature; academic writing.

<sup>1</sup> Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (Posensino), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Docente da Uern. *E-mail:* mailsoncavalcante56@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2131-7958>.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino (Posensino), da Ufersa, da Uern e do IFRN. Professora da Educação Básica. *E-mail:* marina.bzcosta@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4818-8888>.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino (Posensino), da Ufersa, da Uern e do IFRN. Professora da Educação Básica. *E-mail:* mariliabezerra2017@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4464-3983>.

<sup>4</sup> Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente da Ufersa. *E-mail:* ananias.silva@ufersa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5442-5133>.

### Algumas considerações iniciais

A escrita acadêmica ocupa um lugar central na produção, na validação e na circulação do conhecimento científico. É por meio dela que os pesquisadores projetam investigações, apresentam os resultados encontrados, consolidam e fazem avançar o conhecimento em uma área, posicionando-se teoricamente e dialogando com comunidades discursivas específicas. Por isso, desde o ingresso no Ensino Superior, o aluno precisa se familiarizar com a esfera acadêmica, a ponto de se tornar letrado academicamente, isto é, de “saber ler, compreender, escrever e proferir textos que circulam nesse ambiente” (Amaral *et al.*, 2025, p. 08). Assim, dominar as práticas de escrita acadêmica e os gêneros que circulam na esfera acadêmica é essencial para atuar nesse universo.

Entre os diversos gêneros que compõem a esfera acadêmica, o artigo científico destaca-se como uma das principais formas de produção e divulgação do conhecimento na universidade. Embora apresente uma estrutura relativamente estabilizada, com seções como introdução, fundamentação teórica, metodologia, resultados e conclusão, esse gênero não se realiza de maneira homogênea em todas as áreas do saber. Ao contrário, cada área imprime ao artigo científico marcas discursivas e estilísticas próprias, que refletem seus pressupostos epistemológicos, seus modos de argumentar e de fazer ciência, enfim, suas tradições de pesquisa, suas culturas disciplinares.

No que se refere à área de Letras, apesar de as subáreas de Linguística e Literatura compartilharem um espaço comum em órgãos de fomento<sup>5</sup>, apresentam trajetórias históricas, tradições teóricas, objetos de estudo e metodologias distintas, o que pode se refletir de maneira significativa na escrita acadêmica. A esse respeito, sem pretensão de generalização, partimos da hipótese de que, enquanto a Linguística tende a privilegiar uma escrita mais analítica, descritiva e, frequentemente, alinhada a modelos metodológicos mais objetivamente sistematizados, os estudos literários costumam mobilizar uma escrita mais interpretativa, ensaística e reflexiva, em que a argumentação se constrói, muitas vezes, de forma mais subjetiva e dialogada. Tais diferenças, contudo, não são absolutas, o que torna necessário investigar convergências e divergências quanto ao estilo de escrita entre essas duas subáreas.

Apesar do crescente interesse pela escrita acadêmica como objeto de estudo, há predominância de pesquisas voltadas a descrições gerais ou, por outro lado, a especificidades

---

<sup>5</sup> No âmbito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por exemplo, Linguística e Literatura não constituem áreas autônomas, mas subáreas inseridas na grande área de Linguística, Letras e Artes, conforme a tabela de áreas do conhecimento adotada pelo órgão.

de certas áreas do conhecimento, sendo menos recorrentes investigações de viés comparativo, que analisem, de forma sistemática e com base em *corpus* recente, as marcas de estilo em diferentes subáreas do conhecimento. A título de exemplo, destaca-se o estudo de Tormena (2024), que analisa semelhanças e diferenças na escrita acadêmica de artigos de distintas subáreas de Letras, evidenciando especificidades próprias em seus modos de escrever. De acordo com a autora, alguns elementos recorrentes da escrita acadêmica, como o recurso a vozes de autoridade e a organização de seções do texto, manifestam-se de formas distintas conforme a comunidade científica, o objeto de investigação e as escolhas do pesquisador. Isso mostra que a escrita acadêmica apresenta especificidades relacionadas aos diferentes contextos de produção do conhecimento. Diferentemente desse, o presente trabalho volta-se especificamente para a identificação e análise das marcas de estilo no âmbito da área de Letras, buscando compreender como tais marcas se configuram e contribuem para a construção dos textos. Investigações dessa natureza podem contribuir para a descrição das práticas discursivas acadêmicas e para o ensino de produção textual na universidade, auxiliando estudantes e pesquisadores a compreenderem as expectativas e normas que regem a escrita acadêmica em suas respectivas áreas.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar comparativamente marcas de estilo que caracterizam a escrita acadêmica em artigos científicos das subáreas de Linguística e de Literatura. Para alcançá-lo, foi analisado um *corpus* composto por seis artigos científicos – três de Linguística e três de Literatura – publicados em 2025, em periódicos nacionais de reconhecida relevância acadêmica<sup>6</sup>. Os critérios de seleção foram: i) pertencimento ao gênero artigo científico; ii) autoria vinculada à área de Letras; iii) publicação no último número de 2025 dos periódicos selecionados; e iv) diversidade temática. A análise proposta parte do pressuposto de que o estilo não se reduz a escolhas individuais do autor, mas constitui um fenômeno discursivo situado, condicionado por normas institucionais, tradições disciplinares e expectativas da comunidade científica. Assim, ao examinar as regularidades e variações estilísticas entre os artigos selecionados, buscamos compreender como diferentes modos de produzir conhecimento se materializam linguisticamente no gênero artigo científico.

O estudo apoia-se em três eixos teóricos complementares: i) a Linguística Textual, conforme Marcuschi (2008) e Cavalcante *et al.* (2022), que fundamenta a compreensão do texto como prática sociocognitiva e interacional; ii) os estudos sobre escrita acadêmica, como Motta-

---

<sup>6</sup> O nível de experiência dos autores não foi considerado como variável de análise neste estudo, uma vez que o foco recaiu sobre características estilísticas dos textos, independentemente da trajetória acadêmica de seus autores.

Roth e Hendges (2010), Vieira e Faraco (2019) e Amaral *et al.* (2025), que contribuem para a caracterização do gênero artigo científico; e iii) as discussões sobre estilo, a partir de Martins (2008) e Bakhtin (2016), que permitem problematizar as marcas estilísticas no interior desses gêneros. Esses três aportes dialogam na medida em que possibilitam analisar o estilo como um fenômeno textual e discursivo situado nas práticas da escrita acadêmica.

Nessa direção, o presente artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, tem-se a fundamentação teórica, dividida em três seções, que abordam a produção textual na universidade, o gênero artigo científico e a noção de estilo, respectivamente. Em seguida, descrevemos a metodologia adotada para a constituição do *corpus* e a realização da análise. Posteriormente, são discutidos os resultados obtidos e, por fim, apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam os principais achados do estudo e suas implicações para a pesquisa e o ensino da escrita acadêmica.

## **1 Produção textual na universidade**

O texto é aqui tomado a partir do olhar da Linguística Textual, que o compreende como unidade dotada de sentido, que cumpre um propósito comunicativo (Cavalcante *et al.*, 2022). Nessa perspectiva, ultrapassa a noção de um simples encadeamento de frases, sendo concebido como um evento comunicativo situado, produzido em contextos sociais específicos. Os sujeitos envolvidos nesse processo são entendidos como agentes sociais, que mobilizam conhecimentos para produzir sentidos e realizar ações no mundo. Nesse sentido, todo texto é essencialmente dialógico, pois sempre pressupõe a interação de sujeitos em uma situação concreta de enunciação, marcada por um tempo e um espaço determinados. Trata-se de uma unidade de comunicação e sentido em contexto, construída na relação entre os interlocutores, cujo sentido é produzido na interação, considerando as condições de produção, circulação e recepção.

Com efeito, todo texto é produzido para cumprir uma função comunicativa, que determina seu modo de organização, articulando-se com as condições de produção e as intenções do locutor ao interagir com o interlocutor em determinado contexto. Assim, o texto é produzido com o objetivo de atingir um determinado propósito comunicativo, uma vez que, em sua elaboração, as ideias são organizadas e as informações são selecionadas com a intencionalidade de agir sobre seus possíveis destinatários.

Essa intencionalidade orienta as escolhas linguísticas, semióticas e discursivas que o locutor opera e que variam conforme a situação comunicativa, os interlocutores envolvidos e os sentidos que se pretende alcançar. Variam também conforme os gêneros do discurso, já que

cada gênero apresenta características próprias e finalidades adequadas ao contexto de uso. Um *e-mail*, enquanto gênero da comunicação digital, pode assumir funções como solicitar, informar ou registrar decisões em contextos institucionais ou pessoais. O anúncio publicitário, por sua vez, integra a esfera comercial, sendo estruturado para persuadir o destinatário, construindo estratégias discursivas voltadas à valorização de um produto ou serviço.

Conforme Marcuschi (2008), a produção textual deve ser compreendida como uma prática social, pois envolve a realização de ações comunicativas em contextos concretos de interação. Nessa perspectiva, escrever implica considerar os objetivos do texto, o gênero mobilizado, os interlocutores e as condições de produção, aspectos fundamentais para a construção de sentidos e para a eficácia comunicativa.

Sendo assim, o texto é visto como resultado de um processo no qual o locutor organiza suas ideias e seleciona informações, orientado por objetivos comunicativos e adequações às esferas da atividade humana em que o texto irá circular. Por isso, a escrita assume diferentes configurações conforme o contexto de uso: “contextos diferentes, escritas diferentes” (Vieira; Faraco, 2019, p. 69), o que permite distinguir, por exemplo, a escrita acadêmica de outros tipos de escrita, especializadas ou não. Esse tipo de escrita caracteriza-se por um maior grau de formalidade, planejamento e sistematização, porque está diretamente vinculada às práticas discursivas da esfera acadêmica e universitária. Nesse contexto, a universidade configura-se como um espaço de produção, compartilhamento e divulgação do conhecimento, sendo os textos acadêmicos, especialmente o artigo científico, um dos principais meios para tornar públicas as pesquisas desenvolvidas, seus fundamentos teóricos, as metodologias adotadas e os resultados alcançados (Amaral *et al.* 2025). Por isso, a escrita acadêmica exige clareza e objetividade na exposição das ideias, rigor metodológico, impessoalidade e adequação à fundamentação teórica. Além disso, pressupõe o domínio dos gêneros que circulam nesse meio, bem como o atendimento às normas que regulamentam e padronizam a escrita acadêmica.

Nesse viés, a produção textual na universidade deve ser entendida como uma prática social e institucional, pois ocorre em um espaço regulado por normas e de acordo com as necessidades da comunidade acadêmica. Logo, escrever, no contexto universitário, não se limita a uma atividade individual, mas constitui uma forma de participação social em práticas discursivas que visam à construção e à circulação do conhecimento científico, tendo em vista que, no atual sistema universitário ocidental, é indispensável publicar para mostrar o conhecimento que vem sendo produzido e ganhar espaço nesse meio. Como lembram Motta-Roth e Hendges (2010, p. 9), “na cultura acadêmica, a produtividade intelectual é medida pela

produtividade na publicação”. Assim, os textos produzidos refletem expectativas institucionais, gêneros específicos e modos de dizer reconhecidos e valorizados na academia.

Em cursos de Letras, a produção textual comumente está ligada às subáreas de Linguística e Literatura, que apresentam fundamentos epistemológicos, objetos de estudo, finalidades e modos específicos de produção do conhecimento. Enquanto a Linguística se ocupa da investigação científica da linguagem em seus diferentes níveis de organização e em seus usos sociais, buscando descrever e explicar seu funcionamento estrutural e discursivo (Fiorin, 2002), a Literatura volta-se para o estudo do texto literário como construção estética e fenômeno histórico-cultural, analisado à luz de diferentes abordagens teóricas contemporâneas (Bonnici; Zolin, 2009). Assim, embora ambas as subáreas compartilhem a linguagem como matéria comum, distinguem-se quanto ao objeto privilegiado, às perguntas de pesquisa e aos procedimentos analíticos mobilizados, o que repercute diretamente na configuração dos gêneros acadêmicos e nas marcas de estilo que caracterizam a produção acadêmica em cada campo.

Para dar conta da complexidade que recobre a produção de textos nessa esfera, instituições de ensino superior têm desenvolvido diferentes ações voltadas ao fortalecimento dos letramentos acadêmicos. Para além da oferta de disciplinas específicas de produção textual, têm sido desenvolvidas oficinas, projetos de apoio à escrita, atividades de pesquisa e extensão e outras estratégias formativas. Nessa linha, é possível dizer que há um reconhecimento da necessidade de apoiar o desenvolvimento de competências relacionadas à produção e à circulação dos gêneros acadêmicos, ainda que as formas de implementação dessas ações variem entre instituições e perspectivas pedagógicas. Isso decorre do reconhecimento de que o ingresso na universidade implica a apropriação de gêneros prototípicos desse contexto, como o artigo científico, o projeto de pesquisa, o resumo acadêmico, a resenha crítica e o fichamento.

Discutir produção textual na universidade implica reconhecer que escrever é participar ativamente da construção e da divulgação do conhecimento, assumindo responsabilidades teóricas, metodológicas e éticas do campo acadêmico. Nesse cenário, a universidade tem intensificado suas demandas em relação à produção e à circulação do conhecimento, convertendo a publicação científica em um requisito importante da vida acadêmica. Como observa Cremonese (2018), o mundo acadêmico está cada dia mais exigente em termos de produção de conhecimento, e essa realidade leva a escrita acadêmica a assumir um papel indispensável para a formação. Essa ampliação das demandas reforça a necessidade de compreender a produção textual como prática que envolve domínio de gêneros, construção de autoria e adequação às normas discursivas das comunidades científicas.

## 2 O gênero artigo científico

Em cada esfera de atuação humana (cotidiana, escolar/acadêmica, jornalística etc.), deparamo-nos com “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2016, p. 13), que organizam a maneira como devemos atuar em cada situação comunicativa: os gêneros do discurso. Isso porque a comunicação não acontece de qualquer forma, mas sempre a partir da interação entre as nossas intenções, a escolha do gênero e o contexto social em que a interação se desenrola. Assim, o querer-dizer só se efetiva plenamente quando se encarna em um gênero adequado, no qual se compõe e se desenvolve conforme as regras e expectativas da situação comunicativa (Bakhtin, 2016).

Para Cavalcante e Silva (2025), além de surgirem dessas esferas, os gêneros também têm a função de regular as situações comunicativas. Isso significa que eles orientam o modo como devemos falar ou escrever em cada contexto, indicando, por exemplo, o grau de formalidade, a estrutura do texto, o estilo de linguagem adequado e as expectativas de quem participa da comunicação. Quando um falante escolhe um gênero, ele já sabe, em grande medida, como organizar seu discurso e tem expectativas de como será compreendido pelo interlocutor.

Bakhtin (2016) enfatiza que há três elementos indissociáveis na constituição do gênero: conteúdo temático (assunto ou tema do enunciado), construção composicional (organização estrutural do enunciado) e estilo, sendo este último o aspecto foco deste artigo. Em sua acepção, o estilo diz respeito às escolhas linguísticas recorrentes que se estabilizam em determinadas esferas de atividade humana, envolvendo seleção lexical, construções sintáticas, formas de modalização e marcas de interlocução. Segundo o autor, “todo estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (2016, p. 17). Assim, cada gênero mobiliza recursos expressivos relativamente estáveis, que refletem suas condições de produção e seus destinatários típicos. O estilo, portanto, é socialmente orientado: mesmo quando há traços de singularidade autoral, eles se realizam dentro das possibilidades e restrições oferecidas pelo gênero e pela esfera discursiva.

Embora os gêneros sejam inúmeros em uma sociedade marcada pela complexidade das práticas de escrita, eles não se constituem de forma isolada. Como afirmam Vieira e Faraco (2019), muitos desses gêneros estabelecem relações de proximidade entre si, uma vez que emergem de uma mesma instância de produção social. Essas instâncias, por sua vez, correspondem às diferentes esferas de atividades humanas, as quais organizam e regulam os

usos da linguagem por meio dos gêneros. Há, por exemplo, a esfera jornalística, a literária e a acadêmica, entre outros, cada qual reunindo gêneros que compartilham finalidades comunicativas, condições de produção e características que aproximam esses gêneros.

Na esfera acadêmica, os gêneros assumem características específicas, porque vinculados à produção, circulação e validação do conhecimento científico. Dentre os gêneros pertencentes a esse domínio, destaca-se o artigo, o resumo, a resenha, o projeto de pesquisa, o relatório de estágio, a monografia, a dissertação, a tese etc. O artigo científico é aqui destacado tendo em vista que é um dos gêneros mais usados atualmente na academia para divulgar as pesquisas e o conhecimento que é produzido dentro das universidades (Motta-Roth; Hendges, 2010). Dessa forma, o artigo científico se configura como um gênero fundamental do domínio acadêmico, viabilizando a socialização do conhecimento científico.

Os artigos científicos, conforme Lakatos e Marconi (2007), são produções acadêmicas de extensão relativamente reduzida, mas que apresentam caráter conclusivo, uma vez que abordam questões de natureza científica de modo sistemático e fundamentado. Esses textos têm como finalidade divulgar resultados de estudos ou pesquisas específicas, sem a pretensão de se constituírem como obras extensas, como os livros.

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 65), o artigo científico pode ser definido como “um texto, de aproximadamente 10 mil palavras, produzido com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico”. Ainda quanto à sua composição, as autoras apresentam as partes essenciais que estruturam esse gênero:



Figura 01 – Estrutura do artigo científico.

Fonte: Adaptado de Motta-Roth e Hendges (2010), Mossoró/RN, 2026.

Apesar dessa organização retórica predominante no gênero artigo científico, este pode apresentar estabilidade e variação conforme as áreas do conhecimento. Ao observarmos os campos da Linguística e da Literatura, por exemplo, é possível identificar características que aproximam os trabalhos dessas duas subáreas, uma vez que pertencem ao mesmo gênero e à mesma esfera discursiva. No entanto, também é possível observar peculiaridades próprias de cada delas, relacionadas às diferentes abordagens teóricas, metodológicas e aos modos de argumentação que caracterizam cada campo do saber.

Essa aproximação e, ao mesmo tempo, diferenciação entre Linguística e Literatura pode ser compreendida a partir do entendimento de que cada subárea constitui uma comunidade discursiva com expectativas próprias quanto à produção e à circulação do conhecimento. Embora ambas operem no interior da grande área de Letras, Linguística e Artes e compartilhem o gênero artigo científico como forma privilegiada de divulgação, a organização interna do texto pode sofrer alterações.

### 3 A noção de estilo

Embora este estudo se ancore na concepção de estilo apresentada por Martins (2008), a discussão também dialoga com a perspectiva bakhtiniana. Em Martins (2008), o estilo é compreendido a partir dos recursos expressivos da língua e dos efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguísticas realizadas pelos sujeitos nos usos da linguagem. Já em Bakhtin, o estilo é concebido como um fenômeno indissociável do enunciado, dos gêneros do discurso e das condições sociais de interação. Assim, longe de serem excludentes, essas perspectivas se complementam ao permitirem compreender o estilo tanto em sua materialização linguístico-expressiva quanto em sua dimensão discursiva e social.

Nessa direção, cabe destacar que a noção de estilo é marcada por uma grande variedade de conceitos, pois não existe uma definição única ou consensual (Martins, 2008). Historicamente, o termo passou por diferentes usos, desde a designação de instrumentos de escrita até a ideia de modo particular de expressão. Nos estudos linguísticos e estilísticos, essa diversidade se reflete nas várias tentativas de classificação do estilo, ora entendido como desvio da norma, ora como escolha entre alternativas possíveis, ora como manifestação da individualidade do autor, ora ainda como expressão de características coletivas, próprias de uma época ou grupo social. Por isso, Martins (2008) ressalta que o estilo não pode ser reduzido a um único critério, pois resulta de fatores linguísticos, históricos, sociais e subjetivos, o que explica a pluralidade de concepções existentes.

Em uma perspectiva bakhtiniana, o estilo se relaciona diretamente com as esferas de atuação humana e com os gêneros do discurso. Cada esfera social impõe condições específicas de produção do discurso, que orientam as escolhas estilísticas do locutor, como o grau de formalidade, o vocabulário empregado e a organização do enunciado. Desse modo, o estilo é uma marca individual, construída a partir da maneira singular como cada sujeito interpreta a realidade, seleciona recursos linguísticos e organiza os sentidos em seu texto. Essa dimensão individual manifesta-se nas escolhas lexicais, nos modos de construção sintática, nas estratégias argumentativas e nos efeitos expressivos que caracterizam determinada produção discursiva. Porém, o estilo não pode ser compreendido apenas como expressão da subjetividade do autor. Ele também constitui uma construção social e coletiva, uma vez que se desenvolve no interior de práticas discursivas historicamente situadas e reguladas por convenções compartilhadas. Nesse sentido, as possibilidades de expressão individual são condicionadas pelos gêneros do discurso, que oferecem formas relativamente estáveis de composição, de tematização e de circulação social dos textos. Desse modo, o estilo resulta da tensão entre o singular e o coletivo:

ao mesmo tempo em que o sujeito imprime marcas próprias ao enunciado, ele o faz mobilizando recursos e expectativas construídos socialmente no âmbito dos gêneros com os quais interage. Dessa forma, podemos compreender o estilo como um fenômeno dinâmico, que se transforma conforme o contexto comunicativo, a intenção comunicativa e o gênero, refletindo tanto a singularidade do sujeito quanto às normas sociais que regulam o uso da linguagem.

A discussão sobre estilo também encontra respaldo nas reflexões de Jakobson (1975), especialmente quando o autor destaca que a produção de sentidos decorre das relações estabelecidas entre os elementos linguísticos no interior do texto. Nessa perspectiva, os efeitos estilísticos resultam das escolhas realizadas pelo sujeito entre diferentes possibilidades de expressão e da forma como essas escolhas são articuladas no discurso, conferindo singularidade à construção textual.

À luz de Martins (2008), acreditamos que algumas categorias interpretativas podem ser utilizadas para perceber como o estilo se manifesta nos textos. Nesse sentido, o estilo pode ser compreendido como **expressão individual**, refletindo a marca pessoal do autor e seu modo próprio de se expressar; como **escolha linguística**, resultado das decisões do falante ou escritor ao selecionar entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece; como **desvio da norma**, caracterizado pelo afastamento intencional ou expressivamente relevante em relação aos usos mais recorrentes e previsíveis da língua; como **adequação comunicativa**, relacionada à adaptação da linguagem ao contexto, ao gênero do discurso e à intenção do autor; ou ainda como **efeito expressivo**, ligado aos sentidos, emoções e impactos provocados no leitor ou ouvinte. Essas categorias permitem analisar diferentes aspectos do funcionamento da linguagem e ampliam a abordagem estilística, sendo aplicáveis a textos literários e não literários.

No que se refere à escrita acadêmica, a busca de clareza, objetividade e rigor conceitual são elementos essenciais para a produção e transmissão do conhecimento científico. Santos e Dias (2023, p. 25) destacam que o estudante, ao ingressar na universidade, precisa de “um estudo detido dos principais elementos ligados a esse universo, desde normas ligadas ao conteúdo e à forma dos gêneros que circulam nesse âmbito, até regras de formatação e normatização de trabalhos produzidos na academia”. Nesse sentido, Andrade (2022) pontua como características que demarcam o estilo acadêmico, muitas vezes, a preferência por uma menor complexidade sintática e formulações objetivas, a busca por poucas adjetivações e repetições próximas e frequentes, a ausência de gírias e expressões desleais e a escolha por um nível culto ou coloquial de linguagem.

A escrita acadêmica prioriza a exposição lógica das ideias, a precisão terminológica e a fundamentação em dados, teorias ou pesquisas anteriores. Para isso, o texto adota um registro formal, utiliza a norma-padrão da língua e evita expressões informais, buscando manter certa impessoalidade.

Ao mesmo tempo, a coesão e a coerência necessitam ser cuidadosamente trabalhadas, de modo que os parágrafos e seções se articulam de forma lógica, permitindo a progressão racional dos argumentos. Além disso, um outro traço importante do estilo acadêmico é a intertextualidade com outros textos da área, realizada por meio de citações e referências, que acabam por conferir legitimidade às afirmações e insere o texto no contexto mais amplo da produção acadêmica.

Assim, o estilo, na escrita acadêmica, não se limita a um tom formal, mas constitui uma construção estratégica da linguagem, orientada pela finalidade de comunicar conhecimento de forma clara, precisa e sistemática.

Na área de Letras, os artigos acadêmicos de Linguística e de Literatura apresentam características estilísticas que resultam, ao mesmo tempo, das exigências da escrita acadêmica e das especificidades de cada subárea. Em ambos os campos, espera-se que o texto mantenha coerência, coesão e precisão terminológica, estabeleça diálogo com a produção acadêmica por meio de citações e referências e siga a estrutura convencional do gênero artigo científico. Contudo, essa escrita não é homogênea: ela se ajusta à natureza do objeto investigado. Enquanto a Linguística tende a privilegiar a análise da linguagem em uso e de seus aspectos formais, funcionais e discursivos, a Literatura volta-se às múltiplas formas de manifestação literária, frequentemente incorporando procedimentos interpretativos e analíticos próprios do campo. Interessa-nos, portanto, examinar as peculiaridades estilísticas que distinguem essas duas subáreas. Com esse objetivo, apresentamos, na próxima seção, a metodologia adotada para a busca, a constituição e a análise dos dados.

#### **4 Metodologia**

Com o objetivo de analisar comparativamente as marcas de estilo que caracterizam a escrita acadêmica em artigos científicos das subáreas de Linguística e de Literatura, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica, de objetivo descritivo-analítico (Paiva, 2019), uma vez que nos dedicamos à análise e à interpretação de dados textuais, buscando compreender e comparar as marcas de estilo presentes na escrita acadêmica com base nesses artigos das subáreas mencionadas, encontrados em periódicos especializados.

Marcas de estilo são os elementos que tornam um texto reconhecível, característico de um autor, gênero ou contexto, e que refletem escolhas conscientes ou convencionais na escrita. Desse modo, em nossa análise, iremos nos deter à observação e interpretação aprofundada dos fenômenos discursivos e estilísticos, considerando os aspectos linguísticos, discursivos e retóricos que constituem a escrita acadêmica nessas áreas do conhecimento.

Dito isso, o *corpus* da pesquisa é composto por seis<sup>7</sup> artigos científicos, sendo três da subárea de Linguística e três da subárea de Literatura, todos publicados no ano de 2025. Os artigos foram selecionados em periódicos acadêmicos brasileiros avaliados em extratos superiores (Qualis A), conforme a classificação quadrienal (2021-2024) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que são reconhecidos pela relevância acadêmica e pela regularidade de publicação nas respectivas subáreas, garantindo a confiabilidade e a representatividade do material analisado.

A seleção dos periódicos atendeu a dois critérios: (i) indexação em bases reconhecidas; e (ii) pertinência ao objeto de estudo, considerando periódicos que publicam regularmente pesquisas nas subáreas de Linguística e Literatura. Quanto aos artigos, foram escolhidos textos do gênero artigo científico, autoria vinculada a pesquisadores da área e temática alinhada às discussões contemporâneas em Linguística e Literatura. Nessa direção, elegemos seis periódicos<sup>8</sup> que publicam textos da área de Letras e selecionamos um texto publicado no último número de 2025 de cada um deles. Além disso, priorizamos a diversidade temática dentro de cada subárea, a fim de evitar a análise restrita a um único subcampo, contemplando artigos de diferentes autores que representam práticas de escrita variadas nas respectivas subáreas. O Quadro 01 apresenta a lista dos artigos que foram analisados nesse estudo:

| REVISTA                                                          | QUALIS | TÍTULO DO ARTIGO                                                                                                              | AUTORIA         | SUBÁREA     | CÓDIGO |
|------------------------------------------------------------------|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-------------|--------|
| DELTA - Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada | A1     | Texto, discurso e gramática no ensino de português como língua estrangeira: um caminho didático para uma abordagem articulada | (Miranda, 2025) | Linguística | L1     |

<sup>7</sup> Reconhecemos que a seleção de seis artigos constitui uma delimitação do *corpus* e, portanto, uma limitação do estudo. Contudo, a pesquisa não se orienta por uma perspectiva quantitativa ou de mapeamento exaustivo da produção da área. O interesse recai sobre a análise qualitativa das marcas de estilo presentes nos artigos selecionados, razão pela qual se optou por um *corpus* mais delimitado, compatível com os objetivos e procedimentos analíticos adotados.

<sup>8</sup> A escolha de seis periódicos decorreu da intenção de reunir artigos provenientes de diferentes veículos de circulação científica, evitando a concentração das análises em um único contexto editorial.

|                                                                             |    |                                                                                                                                             |                                    |             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|-------------|-----|
| Revista do GELNE                                                            | A2 | O recurso prosódico pausa utilizado na fala de políticos brasileiros                                                                        | (Sóstenes; Inocêncio, 2025)        | Linguística | L2  |
| Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A) | A2 | Precisamos defender as mulheres! Análise da interação argumentativa na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Federal          | (Aboboreira, 2025)                 | Linguística | L3  |
| Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários                   | A1 | A arte da narração: convergências entre o narrador benjaminiano, a tradição oral africana e o rap                                           | (Viegas; Santos, 2025)             | Literatura  | LI1 |
| ReVEL                                                                       | A2 | Roland Barthes: por uma semiologia da literatura                                                                                            | (Cavalcanti; Silva; Annibal, 2025) | Literatura  | LI2 |
| Leitura                                                                     | A3 | O soneto na década de 20: forma e temas em Gerardo Diego e Rafael Alberti no primeiro centenário de Prêmio Nacional de Literatura 1924/1925 | (Câmara, 2025)                     | Literatura  | LI3 |

Quadro 01 – Do *corpus* da pesquisa

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

Os procedimentos de análise consistiram na identificação e na comparação das marcas de estilo recorrentes na escrita acadêmica, a partir de categorias como: **expressão individual, escolha linguística, desvio da norma, adequação comunicativa e efeito expressivo**. O Quadro 2 sistematiza a operacionalização das categorias analíticas a partir dos indicadores observados no *corpus*.

| CATEGORIAS             | INDICADORES                                                                                                                      |
|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Expressão individual   | Enunciação, avaliação e organização.                                                                                             |
| Escolha Linguística    | Seleção lexical, construções sintáticas e recursos linguísticos recorrentes.                                                     |
| Desvio da norma        | Metáforas e outras figuras de linguagem, neologismos, inversões sintáticas, repetições expressivas e usos semânticos inusitados. |
| Adequação comunicativa | Composição/estrutura retórica, precisão terminológica e leitor pressuposto.                                                      |
| Efeito expressivo      | Argumentação, progressão e objetividade/subjetividade.                                                                           |

Quadro 02 – Indicadores analisados

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

A análise buscou evidenciar as convergências e divergências na construção estilística dos textos. Os dados foram interpretados à luz de estudos teóricos sobre a produção textual acadêmica e estilo, possibilitando reflexões importantes sobre o estilo na escrita acadêmica presente nos artigos analisados e contribuindo para o ensino e, consequentemente, para a formação de estudantes do curso de Letras.

### 5 Marcas de estilo em artigos da Linguística e Literatura: convergências e divergências

Com o objetivo de analisar comparativamente as marcas de estilo que caracterizam a escrita acadêmica em artigos científicos das subáreas de Linguística e de Literatura, nesta seção, apresentamos nossas análises. A partir das categorias mencionadas na seção anterior, foi possível compreender de que modo tais elementos contribuem para a construção do conhecimento nessas subáreas, bem como para a delimitação de suas especificidades epistemológicas e metodológicas.

Partindo da percepção de estilo como expressão individual, observamos, nos artigos da subárea da Linguística selecionados, que, no plano da enunciação, ocorre uma oscilação recorrente, uma vez que o autor alterna momentos de apagamento e de explicitação de sua presença discursiva ao longo do texto. Ainda assim, verificamos que o uso da primeira pessoa do plural constitui uma estratégia recorrente, sendo essa forma empregada em dois dos artigos. No *corpus* analisado, apenas no texto L1 é possível reconhecer trechos em que o autor recorre explicitamente à primeira pessoa do singular, como se evidencia no trecho a seguir:

“No caso particular que aqui comentarei, o curso foi oferecido especificamente como disciplina para o doutorado em educação. [...] Escolho esses três objetos (texto, discurso, gramática) porque assumo que eles constituem parte dos recortes que se podem realizar a partir do objeto complexo que chamamos de “língua” (Miranda, 2025, p. 3-4).

Quadro 3 – Exemplo 1

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

Diante disso, fica clara a explicitação do posicionamento do autor no texto por meio do uso recorrente da primeira pessoa do singular, materializada nos verbos **comentarei, escolho e assumo**.

No que tange à dimensão avaliativa, observamos que, em todos os artigos analisados, a avaliação do objeto de estudo ocorre de forma predominantemente velada, isto é, não se manifesta por meio de julgamentos explícitos ou de adjetivações marcadamente valorativas. Essa avaliação realiza-se de maneira indireta, sobretudo por meio da seleção lexical. Desse

modo, os autores se posicionam de forma cautelosa em relação ao objeto analisado, sem se comprometer explicitamente, ao mesmo tempo em que mantém a adequação às normas do gênero artigo acadêmico.

Com relação à organização dos textos examinados, é possível identificar em todos a presença de um controle de leitura, por meio do qual o autor orienta o percurso interpretativo do leitor ao longo do texto. Esse controle manifesta-se especialmente pelo uso de marcas metadiscursivas, como expressões de organização e progressão textual. No texto L3, essa orientação ao leitor torna-se evidente, uma vez que o autor recorre a enunciados que explicitam a estrutura do texto e direcionam a leitura, como se observa no trecho a seguir:

“É importante ressaltar que, ao longo da seção, não há divergência em relação aos pontos de pauta formais previamente estabelecidos. [...] Vale salientar que, mesmo que a questão argumentativa tenha sido suscitada a partir do turno da deputada Cristiane Lopes, a teoria que adotamos inviabiliza definir a tese da referida deputada como a tese proponente” (Aboboreira, 2025, p. 356-363).

Quadro 4 – Exemplo 2

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

No que se refere ao estilo como expressão individual, nos três artigos da subárea de Literatura é feito o uso da primeira pessoa do plural. Ainda assim, nos três, identificam-se formas impessoais e construções passivas, embora tais recursos não se mostrem predominantes. Esses dados demonstram uma oscilação enunciativa ao longo da escrita, uma vez que os autores alternam momentos de apagamento e de explicitação de seu posicionamento no texto. Ademais, notamos um elevado grau de ocorrência de trechos metadiscursivos, o que indica que os autores buscam assumir um papel ativo na condução da leitura, orientando o possível leitor ao longo do texto. Essa orientação pode ser observada no seguinte trecho do artigo LI3:

“Importa, para nós, aventar algumas concepções que conectam o soneto ao pensamento artístico e literário presente no início do século XX, período de trabalho conjunto da Geração de 27. (p. 517). Retornando aos três sonetos dedicados à Lorca, Jiménez Gómez (2001) concebe que em “Otoño” há uma exegese do mundo literário lorquiano, referências à leitura do Romancero Gitano e ao valor da tradição popular andaluza” (Câmara, 2025, p. 527).

Quadro 5 – Exemplo 3

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

Como se percebe, a marca metadiscursiva funciona enquanto elemento de organização textual, sinalizando retomada e guiando o percurso interpretativo do leitor. No que diz respeito à dimensão avaliativa, observamos que, nos três artigos de Literatura analisados, predomina uma avaliação explícita do objeto de estudo, manifestada por meio do uso recorrente de

adjetivos e advérbios avaliativos, bem como de afirmações categóricas que explicitam o posicionamento do autor. Esse traço pode ser exemplificado no trecho abaixo:

“O Massacre do Carandiru foi um episódio de extrema violência em que 111 detentos foram mortos pela polícia militar durante uma operação para conter uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru. O massacre foi resultado de uma abordagem truculenta e desumana das autoridades, revelando a falta de controle e organização e o tratamento degradante destinado aos detentos” (Viegas; Santos, 2025, p. 216).

Quadro 6 – Exemplo 4

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

O trecho revela julgamentos diretos e um tom assertivo, marcando claramente a posição interpretativa do enunciador. Diante disso, é possível identificar uma divergência entre os artigos das subáreas de Linguística e de Literatura reunidos neste estudo quanto ao modo de avaliação do objeto de estudo. Enquanto, nos textos de Literatura, a avaliação tende a ser mais explícita, com forte marca de posicionamento e interpretações assumidas de forma assertiva, nos artigos de Linguística, a avaliação, embora presente, ocorre predominantemente de maneira velada, preservando uma postura discursiva mais cautelosa. Diante disso, evidenciam que o estilo se manifesta como expressão individual, ao revelar diferentes graus de posicionamento autoral por meio de escolhas linguísticas (Martins, 2008). Desse modo, essas escolhas se mostram diretamente relacionadas às exigências do gênero acadêmico, mas também às práticas discursivas próprias de cada subárea.

Do ponto de vista do estilo como escolha linguística<sup>9</sup>, nos textos analisados, há a presença recorrente de termos técnicos, especialmente nos artigos da subárea da Linguística (que tem esse fenômeno percebido em todos os três textos). Esses termos apresentam definições conceituais relativamente consolidadas, ancoradas em referenciais teóricos explicitamente mobilizados, o que contribui para a construção de um léxico especializado e relacionado à temática abordada. No texto L3, por exemplo, destaca-se, de modo particular, a recorrência de termos vinculados ao campo da argumentação, acompanhados de definições conceituais:

“Recapitulando, a situação argumentação, nesta perspectiva, é definida como um “conjunto de atividades verbais e semióticas produzidas em uma situação argumentativa” que é definida enquanto “uma situação discursiva organizada por uma questão argumentativa [...] para a qual os locutores (os argumentadores) dão respostas contraditórias (sensatas, razoáveis, mas incompatíveis)”, que são organizadas em um discurso e contradiscurso que “conhecem diferentes graus e tipos de argumentatividade, de acordo com as relações

<sup>9</sup> Cumpre destacar que as categorias de análise, embora operacionalmente distintas, apresentam pontos de interseção. No caso específico da expressão individual e da escolha linguística, a sobreposição decorre do fato de que a singularidade do estilo se manifesta justamente por meio das escolhas linguísticas efetuadas pelos autores.

estabelecidas entre o discurso e o contradiscurso” [...] propõem um modelo de análise em três níveis distintos e complementares para o estudo de textos argumentativos: (1) o nível pragmático; (2) o nível global; (3) o nível local” (Aboboreira, 2025, p. 353-354).

Quadro 7 – Exemplo 5

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

No que se refere aos processos verbais, os artigos da Linguística que constituem o nosso *corpus* recorrem majoritariamente a verbos de descrição e explicação, como **analisar**, **descrever**, **identificar**, **demonstrar**, **apresentar**. Esses verbos indicam uma ação voltada sobretudo à exposição dos procedimentos metodológicos adotados, bem como à justificativa e ao embasamento teórico das análises realizadas. Menos frequentemente, aparecem verbos de interpretação (**sugerir**, **apontar**), mas seu uso é mais controlado. Esse fato está associado também a outro ponto analisado, que é a modalização, uma vez que, nesses textos são frequentes marcas de possibilidade e atenuação, como é possível observar em L2:

“Possivelmente, os quatro políticos estavam lendo o teleprompter, já que não apresentaram hesitações, pausas preenchidas ou outras marcas típicas da fala espontânea, como repetições de palavras e alongamentos de fonemas” (Sóstenes; Inocêncio, 2025, p. 12).

Quadro 8 – Exemplo 6

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

No entanto, é possível identificar também marcas de certeza, sugeridas pelo emprego dos verbos **demonstra** e **afirma**, que costumam aparecer associadas a resultados empíricos ou a referenciais teóricos previamente legitimados.

No que se refere aos artigos da subárea Literatura selecionados, também é possível identificar a presença de termos técnicos e definições conceituais embasadas no referencial teórico utilizado, aspecto que constitui uma marca da escrita acadêmica e confere autoridade para o artigo acadêmico. Todavia, enquanto os artigos de Linguística do *corpus* tendem a utilizar um léxico mais específico e técnico – composto por termos próprios da subárea, empregados com significado preciso e bem delimitado –, buscando maior rigor conceitual e reduzindo ambiguidades, os textos de Literatura apresentam um vocabulário mais flexível, expressivo e frequentemente figurado. Essa diferença não significa que a Linguística não comporte interpretação, mas que ela procura fundamentá-la em conceitos definidos e em critérios metodológicos mais explícitos. Já nos textos de Literatura, especialmente nos de análise literária, a linguagem mais aberta e polissêmica favorece múltiplas possibilidades de

leitura e interpretação, isso porque “o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação (Durão, 2015, p. 382).

Quanto aos processos verbais presentes nos textos de Literatura do nosso *corpus*, podemos identificar a presença de processos de descrição e explicação, com predominância do processo verbal de interpretação. Esses verbos indicam uma ação que vai além da apresentação de dados, permitindo que o autor consiga propor uma interpretação, convidando o leitor a compartilhar um ponto de vista construído teoricamente. Constatamos esse teor interpretativo no excerto do texto LI3, conforme se observa a seguir:

“Essa característica dos sonetos albertianos confirma a tendência dos autores, de início do século passado, de beber da tradição nacional, ler os cancioneiros, estudar as tipicidades da métrica espanhola e reivindicar o reconhecimento de poetas da própria terra” (Câmara, 2025, p. 527).

Quadro 9 – Exemplo 7

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

No Quadro 7, observa-se a predominância de um processo verbal de interpretação, evidenciado pelo uso do verbo **confirma**, pelo que o enunciador assume uma posição interpretativa fundamentada teoricamente. No que concerne à modalização empregada na escrita dos textos da subárea da Literatura que foram reunidos por este artigo, observamos a predominância de formas verbais que indicam certeza, como **evidencia**, **revela**, e **demonstra**. Essas escolhas linguísticas sinalizam uma postura epistêmica mais assertiva por parte do autor no que se refere às interpretações apresentadas, uma vez que essas proposições são feitas com bases teóricas, como podemos observar no trecho do texto LI1:

“A tradição oral africana demonstra uma notável capacidade de adaptação e resiliência, permanecendo uma forma vibrante e flexível de comunicação, mesmo diante de desafios como a globalização e a urbanização” (Viegas; Santos, 2025, p. 6).

Quadro 10 – Exemplo 8

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

Neste exemplo, destacamos a presença de um verbo de modalização de certeza, **demonstra**, que sinaliza uma postura assertiva por parte do autor. Assim, a modalização de certeza atua nesses textos como um recurso de reforço interpretativo, revelando os modos de autoridade discursiva e estilo autoral assumidos pelos escritores.

Outra categoria analisada nos textos das subáreas de Linguística e Literatura que compõem o corpus foi a concepção de estilo compreendida como desvio em relação à norma. Dos seis artigos examinados, três apresentaram ocorrências dessa categoria. Os resultados

mostram que o desvio da norma se manifesta com maior frequência nos artigos da área de Literatura, nos quais se observam escolhas linguísticas que se afastam dos usos convencionais, sobretudo por meio de metáforas e de inovações semânticas, produzindo efeitos estilísticos específicos. No artigo LI2, por exemplo, é possível identificar uma ocorrência representativa dessa categoria, conforme ilustrado no quadro a seguir.

“Se a semiologia serviu ao crítico no desmascaramento dos estereótipos por detrás dos discursos, em sua aula inaugural, ela retorna à literatura (ao texto), pois encontra ali ‘índices de despoder’ (Cavalcante e Silva; Annibal, 2025, p. 253).

Quadro 11 – Exemplo 9

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

Dessa maneira, o neologismo **despoder**, presente no texto, constitui um exemplo de desvio em relação à norma, uma vez que resulta de uma escolha lexical deliberada que rompe com os padrões convencionais da língua para produzir um efeito estilístico e conceitual específico. Longe de representar um desvio motivado por inadequação linguística, o termo amplia as possibilidades de significação do texto, mobilizando novas relações de sentido e convidando o leitor a reinterpretar o conceito de poder a partir da perspectiva construída pelo autor. Esse achado indica que o desvio da norma, quando empregado intencionalmente, configura-se como um recurso expressivo capaz de contribuir para a construção do estilo, ao potencializar os efeitos de sentido e conferir singularidade à escrita.

Embora essa categoria tenha ocorrido em apenas três dos seis artigos analisados, sua presença concentrou-se nos textos da subárea de Literatura, sugerindo que, nesse domínio, o desvio da norma tende a assumir maior relevância como recurso expressivo. Isso permite inferir que a construção do estilo, nesses textos, frequentemente se apoia na exploração criativa das potencialidades da língua, sobretudo por meio de inovações lexicais e semânticas que ampliam os efeitos de sentido.

Diante do exposto, a análise dos artigos das subáreas da Linguística e da Literatura tratados em nosso estudo mostra que o estilo acadêmico se constitui a partir de escolhas linguísticas e discursivas condicionadas pelas especificidades de cada subárea.

Do ponto de vista da adequação comunicativa, o conjunto de artigos de Linguística examinados apresentam uma estrutura mais rigidamente normatizada, frequentemente próxima do modelo: introdução, fundamentação teórica, metodologia, resultados e conclusão. As seções são majoritariamente procedimentais, com delimitação clara de *corpus*, descrição de métodos

e apresentação de resultados, o que confere ao texto alto grau de normatividade. Já nos artigos de Literatura tratados na análise, a estrutura costuma ser mais flexível e menos padronizada, organizada em seções conceituais que acompanham o desenvolvimento da interpretação. Essa questão foi identificada nos três artigos científicos. A escolha de iniciar com uma leitura próxima do texto literário, de introduzir a teoria aos poucos, de retornar a certos conceitos ou passagens, tudo isso é uma forma de argumentar. A estrutura, nesse caso, funciona como uma estratégia crítica, orientando o leitor sobre como o objeto deve ser lido e compreendido. Entretanto, isso não significa dizer que há um menor grau de normatividade, mas, sim, que há uma flexibilidade maior na estrutura retórica.

Essa diferença estrutural se reflete principalmente no que diz respeito à metodologia. Na Linguística, a metodologia é explicitamente descrita e detalhadamente justificada, garantindo transparência e possibilitando a avaliação ou replicação da análise. O método funciona como um elemento central de legitimação do trabalho, e sua exposição contribui para a construção de um efeito de objetividade (Motta-Roth; Hendges, 2010). O artigo L2 traz em uma determinada parte de sua seção metodológica o seguinte trecho:

“Foram analisadas amostras de falas de políticos brasileiros, utilizando propagandas eleitorais. Os critérios de inclusão consistiram em selecionar políticos que possuíam dois vídeos de propaganda eleitoral no YouTube: um do início de suas carreiras e outro mais recente, permitindo a análise comparativa. Foram excluídos vídeos com baixa qualidade de áudio. [...] Foram selecionados quatro políticos, e os vídeos analisados correspondem a propagandas eleitorais, que se enquadram na categoria de textos argumentativos e de orientação. Cada vídeo foi dividido em dois momentos – antes e depois – [...]” (Sóstenes; Inocencio, 2025, p. 4).

Quadro 12 – Exemplo 10

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

A passagem do artigo L2 ilustra como a metodologia, nos artigos científicos selecionados para constituírem a subárea da Linguística, é concebida como uma etapa fundamental da pesquisa e, portanto, necessária à escrita do texto. Observamos uma preocupação em explicitar com precisão o *corpus*, os critérios de seleção e exclusão dos dados e os procedimentos de análise, o que contribui para a organização e a sistematização do estudo. Essa forma de apresentação metodológica foi percebida nos três textos da subárea e orienta o leitor quanto ao percurso investigativo adotado e delimita o escopo da análise.

Além disso, a descrição detalhada dos procedimentos confere legitimidade ao trabalho, na medida em que demonstra o controle exercido sobre os dados analisados. Ao definir o tipo de material selecionado, sua categorização textual e o recorte temporal aplicado, o artigo demonstra alinhamento com práticas metodológicas consolidadas na subárea, reforçando o

caráter científico da pesquisa. Assim, a metodologia sustenta os resultados obtidos e também funciona como um elemento organizador do discurso acadêmico, distinguindo a produção em Linguística por seu rigor e sistematicidade.

Em contraste, nos textos do *corpus* da subárea de Literatura, a metodologia tende a ser menos explícita, o que não significa que ela não exista. Na verdade, os três estudos mostram que ela se manifesta por meio das escolhas teóricas, do modo de leitura do texto literário e da forma como a argumentação é construída. No movimento de análise, verificamos que, enquanto os artigos da Linguística destinam uma seção para o detalhamento metodológico, os textos da Literatura, quando mencionam a metodologia, fazem isso em único parágrafo, de maneira mais sumária. É o caso do trabalho codificado como LI3, que a sintetiza no trecho:

“Em *Marinero en Tierra e Versos humanos* há, respectivamente, dezesseis e vinte e um sonetos, a partir dos quais empreendemos um estudo comparativo descritivo em termos de temática e estilística, atendo-nos à estrutura formal e ao objeto do dizer poético” (Câmara, 2025, p. 514).

Quadro 13 – Exemplo 11

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

O que queremos dizer aqui é que, nessa subárea, não nos parece haver uma preocupação com a explicitação dos aspectos metodológicos da pesquisa. Isso não quer dizer que não haja uma metodologia, afinal, toda investigação científica parte de pressupostos teóricos e metodológicos; a definição do *corpus*, o recorte temporal e outras decisões metodológicas também são realizadas, mas são menos declaradas e, às vezes, inclusive, subentendidas e incorporadas ao próprio movimento interpretativo. Os artigos codificados como LI1 e LI2 são exemplos desse aspecto estilístico, pois não mencionam sequer a metodologia no decorrer da escrita. Entretanto, vale ressaltar o que pontuam Teles e Ferreira (2022, p. 14), ao enfatizarem que o ponto de partida do percurso metodológico em literatura é que “quanto mais se delimita o tema, formulando com clareza o recorte temático, com mais foco e segurança se trabalha”.

Na amostra de artigos de Linguística, ainda que se pressuponha um leitor pertencente à comunidade acadêmica da subárea, é comum que conceitos sejam explicados e exemplificados, em nome da clareza e da precisão analítica. Acerca disso, torna-se relevante destacar a presença de figuras, quadros e/ou esquemas, nos três textos da subárea, que são elaborados com a intenção de sintetizar e até mesmo didatizar o conteúdo do estudo. Na bibliografia de Literatura analisada, por sua vez, o leitor implícito é geralmente mais especializado, com domínio prévio de referências teóricas e literárias. As explicações conceituais são menos frequentes, e os

exemplos parecem não ter como função principal a de simplificação, mas a de aprofundamento interpretativo, como podemos observar em LI1.

“Os Racionais MC’s, grupo formado por jovens negros das favelas de São Paulo, emergiram como porta-vozes dessa população, denunciando as desigualdades e a violência do Estado. [...] A canção, escrita a partir do ponto de vista de um preso, é um exemplo poderoso de narrativa oral e realismo, em que o uso de descrições gráficas e linguagem direta é fundamental para criar empatia e compreensão do ouvinte” (Viegas; Santos, 2025, p. 216).

Quadro 14 – Exemplo 12

Fonte: elaboração dos autores, Mossoró/RN, 2026.

Considerando o estilo como efeito expressivo, percebemos que os três exemplares de Linguística do *corpus* apresentam um ritmo argumentativo linear e progressivo, no qual cada etapa do texto conduz de modo cumulativo à seguinte. As retomadas são controladas e funcionais, e a ênfase recai sobre a precisão terminológica e a validade dos resultados. As conclusões costumam ser contidas, prezando por um certo teor objetivo. Esse efeito é construído pela combinação entre estrutura normativa, transparência metodológica e relativa neutralização da voz subjetiva do autor.

Nos três estudos de Literatura, o ritmo argumentativo é mais flexível e não linear, marcado por avanços interpretativos, retomadas do texto literário em análise e articulações teóricas. A ênfase recai sobre formulações conceituais e leituras críticas densas, frequentemente reforçadas por repetições estratégicas que aprofundam determinados núcleos de sentido. As conclusões podem permanecer mais abertas, sugerindo a continuidade da interpretação e reconhecendo o caráter não exaustivo da leitura. Nesse viés, o efeito global produzido é o de interpretação e persuasão, sustentado pela presença mais visível da autoria intelectual e pelo engajamento explícito do sujeito leitor-autor – do que decorre o caráter ensaístico.

Ainda é relevante enfatizar que, apesar de explorarmos características estilísticas que marcam os artigos do *corpus* das subáreas da Literatura e da Linguística, uma das definições de estilo preponderantes é a de estilo como manifestação da individualidade (Martins, 2008). Portanto, artigos de uma das duas subáreas podem usar uma estrutura retórica semelhante, uma forma de argumentar compatível e ter em comum escolhas morfossintáticas, mas o resultado nunca será igual. O que diferencia é a forma de combinar, de apropriar-se, de dar sentido.

O que queremos dizer é: o estilo pode funcionar como um marcador de identidade coletiva de uma comunidade discursiva e, ao mesmo tempo, como espaço de manifestação individual. Embora a escrita acadêmica seja regulada por normas formais – como padronização de vocabulário, estrutura textual, métodos de citação e argumentação – (e isso é ainda mais

acentuado quando comparamos textos de uma mesma subárea), ela não é neutra nem homogênea. Assim, ainda que os artigos sigam as mesmas convenções metodológicas e estilísticas da subárea, cada um preserva traços próprios que refletem a perspectiva, a formação e as intenções do autor. Por essa razão, ainda encontraremos diferenças em cada artigo científico, principalmente quando consideramos que o estilo é também singular.

### Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar comparativamente as marcas de estilo que caracterizam a escrita acadêmica em artigos científicos das subáreas da Linguística e da Literatura, buscando compreender de que modo essas marcas estilísticas contribuem para a construção do conhecimento em cada subárea, como também as especificidades no interior dos textos analisados. A análise permitiu perceber convergências e divergências significativas entre as duas subáreas. Entre as convergências, destaca-se o fato de que tanto os artigos de Linguística quanto os de Literatura selecionados para a composição do *corpus* de nosso estudo atendem as normas próprias do discurso científico, mobilizando referenciais teóricos sólidos, léxico especializado e estruturas argumentativas, frequentemente materializadas por períodos longos e sintaticamente encadeados. Em ambas as subáreas, o estilo revela-se como resultado de escolhas discursivas que visam conferir legitimidade, coerência e autoridade ao texto.

No entanto, as divergências se mostram mais expressivas no que se refere ao posicionamento autoral, à modalização, à avaliação do objeto de estudo e à organização retórica do texto. A partir dos dados provenientes dos artigos de Linguística, verificamos uma tendência à atenuação avaliativa, ao uso controlado da primeira pessoa do plural e à explicitação rigorosa dos procedimentos metodológicos, o que contribui para a construção de um efeito de objetividade e neutralidade científica. Já os dados produzidos mediante a análise do *subcorpus* de Literatura, predominam marcas de avaliação explícita, maior assertividade modal e uma estrutura retórica mais flexível, em que a interpretação crítica se impõe, reforçando a presença do sujeito enunciador.

Esses achados reforçam a compreensão de que o estilo acadêmico está condicionado pelas práticas discursivas, pelos modos de produção do conhecimento de cada área. Ao mesmo tempo, confirmam a noção de estilo também como manifestação da individualidade, uma vez que, mesmo submetidos às normas do gênero artigo científico, os textos analisados preservam traços singulares decorrentes das escolhas linguísticas e argumentativas de seus autores.

Frente a isso, a análise, apesar de partir de um *corpus* pequeno, oferece subsídios importantes para auxiliar os estudantes na produção de textos mais adequados ao estilo de cada esfera do conhecimento. Desse modo, as implicações para o ensino da escrita acadêmica são igualmente relevantes, uma vez que, ensinar a escrever academicamente, nesse sentido, não deve se restringir à apresentação de modelos fixos ou fórmulas estruturais, mas envolver a reflexão sobre estilo, autoria, modalização, avaliação e efeitos de sentido, levando em conta as particularidades das áreas do conhecimento e dos gêneros mobilizados.

Diante disso, abrem-se diversas possibilidades para pesquisas futuras, tendo em vista que estudos posteriores podem ampliar o *corpus* analisado, incluindo artigos de outras subáreas das Letras ou de diferentes períodos históricos, bem como a análise de outros gêneros, a fim de verificar continuidades e transformações nas marcas de estilo acadêmico. Assim, o presente estudo contribui para reflexões sobre estilo, escrita acadêmica e produção do conhecimento, ao evidenciar que, no *corpus* analisado, o estilo opera simultaneamente como marcador coletivo e como espaço de expressão individual no discurso científico.

### Contribuições dos autores

Todos os autores participaram ativamente da investigação e da escrita do artigo. Cavalcante propôs a ideia inicial da investigação, posteriormente desenvolvida em colaboração com os demais autores ao longo das diferentes etapas e da escrita do artigo. Fernandes e Costa realizaram a seleção e organização do *corpus*. Silva também realizou a revisão do texto.

### Referências

- AMARAL, Luana Lopes; PEREIRA, Daniervelin; ABREU-AOKI, Raquel; COSCARELLI, Carla Viana. *Letramento Acadêmico: prática de pesquisa e produção textual na universidade*. São Paulo: Contexto, 2025.
- ABOBOREIRA, Ana Débora Cruz. “Precisamos defender as mulheres!” Análise da interação argumentativa na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Federal. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 25, n. 3, p. 348-380, dez., 2025. DOI: <https://doi.org/10.47369/eidea-25-3-4850>. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/%20article/view/4850>. Acesso em: 01 jan. 2026.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria da Literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.

CÂMARA, Ana Paula Ribeiro. O soneto na década de 20: forma e temas em Gerardo Diego e Rafael Alberti no primeiro centenário do Prêmio Nacional de Literatura 1924/1925. *Revista Leitura*, Maceió, v. 29, n. 45, p. 512-533, dez., 2025. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.202586.512-533>. Disponível em:

<https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/19529>. Acesso em: 01 jan. 2026.

CAVALCANTE, Francisco Mailson de Lima; SILVA, Ananias Agostinho da. *Argumentação na redação do Enem: ponto de vista e autoria em foco*. Campinas: Pontes, 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes, 2022.

CAVALCANTI E SILVA, Carla; ANNIBAL, Sérgio Fabiano. Roland Barthes: por uma semiologia da literatura. *ReVEL*, [S. l.], v. 23, n. 45, 2025. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/a0eb62383feb8b09a91c3ff1179476c8.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2026.

CREMONESE, Lia Emília. A relação entre leitura e produção textual na universidade: aspectos referentes à intersubjetividade. *Revista Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 703-742, jan. – mar., 2018. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-25>.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/38664>.

Acesso em: 01 jan. 2026.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 31, n. 4, p. 377-390, dez., 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22230/17992>. Acesso em: 01 fev. 2026.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Contexto, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 2007.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

MIRANDA, Florencia. Texto, discurso e gramática no ensino de português como língua estrangeira: um caminho didático para uma abordagem articulada. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 1-24, mar., 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202541170103>. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/70115>. Acesso em: 02 jan. 2026.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Nilce Sant' Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: EdUSP, 2008.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Habuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Anne Caroline de Moraes; DIAS, Silvana Moreli Vicente. *Leitura e produção de textos acadêmicos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2023.

SÓSTENES, Gabriela Silveira; INOCÊNCIO, Anny Gabryelle dos Santos. O recurso prosódico pausa utilizado na fala de políticos brasileiros. *Revista do GELNE*, Natal, v. 27, n. 2, p. e39940, dez., 2025. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2025v27n2ID39940>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/39940>. Acesso em: 01 jan. 2026.

TORMENA, Isabela Bortoleto. *Em busca de semelhanças e diferenças entre escritas de uma mesma área: percepções na Letras*. 2014. s/f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

TELLES, Luís Fernando Prado; FERREIRA, Lígia Fonseca. *Metodologia da pesquisa do trabalho científico em literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: UAB unifesp publicações, 2022.

VIEGAS, Catharina; SANTOS, Pedro. A arte da narração: convergências entre o narrador benjaminiano, a tradição oral africana e o rap. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 45, n. 2, p. 209-222, dez., 2025. DOI: <https://doi.org/10.5433/1678-2054.2025vol45n2p209>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/52694>. Acesso em: 01 jan. 2026.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. *Escrever na universidade: fundamentos*. São Paulo: Parábola, 2019.

*Recebido em 03 de março de 2026*

*Aceito em 25 de junho de 2026*